



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MILENA FRANÇA DA SILVA PECLAT

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E QUESTÕES DE GÊNERO

**RIO DE JANEIRO
2019**

MILENA FRANÇA DA SILVA PECLAT

Docência na Educação Infantil e questões de gênero

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela de Oliveira Guimarães

RIO DE JANEIRO

2019

PECLAT, Milena França da Silva.

Docência na Educação Infantil e questões de gênero/ Milena França da Silva Peclat; orientadora: Daniela de Oliveira Guimarães. Rio de Janeiro, 2019.

f.: 45

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

1. Gênero 2. Docência 3. Educação Infantil 4. PIBID

MILENA FRANÇA DA SILVA PECLAT

Docência na Educação Infantil e questões de gênero

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da UFRJ
como requisito parcial à obtenção
de título de Licenciatura em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniela de Oliveira Guimarães

(banca)

(banca)

RIO DE JANEIRO

2019

Dedico este trabalho a minha avó, Dirce. E a minha tia, Elisângela. Que mesmo não estando mais aqui no mundo físico, se fazem presentes na minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por ser minha maior representação de fé e proteção.

À minha mãe, Tânia, que tanto me apoia e me incentiva na minha trajetória acadêmica e pessoal, que está sempre ao meu lado, sendo meu maior porto seguro.

Ao meu pai, Vanderlei e meu irmão Gabriel, por me protegerem e cuidarem de mim, não só nesses últimos anos como durante toda minha vida.

À Daniela, minha querida professora e orientadora que desde a turma de Concepções e Práticas da Educação Infantil tem o meu olhar de fã para a sua sabedoria.

À Kelsiane que durante um ano e meio tive o privilégio de acompanhar e me inspirar com a sua doçura e seu olhar sensível para a Educação Infantil.

Às crianças, que pude observar o crescimento durante a minha trajetória no PIBID, vocês me ajudaram a descobrir o quanto o universo da Educação Infantil é mágico.

À Manuela, Natália, Niuani e Breno que em cinco anos de curso me acompanharam nos copos de café enquanto conversávamos sobre a vida, sentados no Asteriu's. Vocês foram fundamentais na minha trajetória.

À Andrezza e Adriane que juntas me levaram pra conhecer novas pessoas, novas culturas, novos lugares, me fazendo descobrir que o mundo é imenso.

Ao Rafael do Asteriu's e ao Itamar da xerox, que por muitas vezes me salvaram na faculdade com boas conversas e deixar eu ter uma conta em aberto em seus estabelecimentos.

Aos meus amigos que de longa data Beatriz C, Beatriz P, Mariana e Pedro que me conheceram antes da minha entrada na UFRJ e acompanharam minha trajetória para chegar até aqui. Obrigada pela nossa amizade, não tenho dúvidas sobre o quanto evoluímos juntos.

“ A criança
é feita de cem.
A criança tem
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar (...). “

Lóris Malaguzzi

Resumo

Este estudo focaliza o debate sobre as questões de gênero que permeiam no contexto da Educação Infantil. Considerando-se que ainda hoje algumas escolas mantêm uma estrutura sexista em suas práticas cotidianas, colaborando para a manutenção das desigualdades de gênero existentes em nossa sociedade, o objetivo principal desse trabalho é identificar práticas pedagógicas que possibilitam uma educação para a infância mais democrática no âmbito das discussões sobre gênero e educação. O referencial teórico baseou-se nos estudos de Louro (1997, 2000, 2001, 2007), Finco (2008, 2010), Silva e Buss-Simão (2018), Scott (1995), entre outros autores que abordam em sobre gênero e educação em seus estudos. O presente trabalho se desenvolve através dos relatos e experiências vivenciadas a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID, procurando evidenciar a importância de programas de formação de professores, fomentar a discussão sobre a construção das identidades infantis, além de pensar quais são os papéis que os/as docentes da Educação Infantil devem desempenhar frente às questões de gênero na infância.

Palavras-chave: Gênero, Docência, Educação Infantil, PIBID

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO I - Educação Gênero	
1.1- Distinguindo gênero da sexualidade	13
1.2- O gênero nos documentos educacionais	16
1.3- Docência, gênero e educação infantil	19
CAPÍTULO II - Questões de gênero no cotidiano da educação infantil	
2.1- O PIBID, o que é	23
2.2- Um olhar sobre o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) da escola	24
2.3- Inserção na escola, a turma e a emergência das questões de gênero	26
2.3.1- O estudo	27
Considerações Finais	39
Referências Bibliográficas	41

INTRODUÇÃO

Durante a minha graduação no curso de Pedagogia, especificamente no quarto período, ao cursar a disciplina Concepções e Práticas da Educação Infantil, o meu interesse por essa etapa da Educação Básica começou a crescer diante das outras áreas que a Pedagogia permite trabalhar e/ou estudar. Sendo assim, procurei estágios não obrigatórios na área, e quando finalmente consegui um estágio em um espaço de Educação Infantil, ao observar a prática de algumas professoras em relação às brincadeiras que são consideradas de “menino” e de “menina”, passei a ter um olhar mais refinado para os debates relacionados a gênero e educação.

O interesse pelo tema acentuou-se a partir da minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) com ênfase na Educação Infantil no decorrer dos anos 2016 a 2018. O PIBID tem como objetivo estimular a docência na experiência dos estudantes de licenciatura e fazer uma articulação entre o ensino superior e as escolas de Educação Básica do sistema público de ensino. Através desse programa tive a oportunidade de me sentir professora e valorizar ainda mais a profissão que escolhi seguir através do curso de Pedagogia. O PIBID nos deu a oportunidade de estar com professores de excelência, que junto com as licenciandas participantes do programa, pensavam e debatiam sobre as características, teorias, e o cotidiano do professor de Educação Infantil, além de pensarmos em conjunto o planejamento de ações para serem desenvolvidas junto às crianças de nossas respectivas turmas.

Através da minha permanência no programa durante um ano e meio, especificamente de setembro de 2016 a março de 2018, tive a oportunidade de acompanhar a mesma turma, incluindo professora e crianças, tendo a oportunidade de observar cuidadosamente cada especificidade existente na turma em questão. Dentre as diversas crianças com quem tive a oportunidade de conviver nessa turma, uma em especial chamou minha atenção e, hoje, escrevo minha monografia a partir desta situação, trazendo as inquietações e os desafios que constantemente essa criança proporcionou durante as vivências dentro do programa e na escola.

Tudo começou no meu primeiro dia dentro na sala de aula, em dupla com outra pibidiana que estava vestida com uma blusa de um dos personagens mais famosos da Disney, o Mickey. Assim que chegamos para nos apresentarmos, a criança abordou minha colega e disse que ela não poderia usar aquela blusa, pois aquele personagem era

“de menino”. Essa foi uma fala que logo nos chamou atenção e causou estranhamento, pois essa escola é conhecida por não estigmatizar as diferenças de gênero; a pibidiana conversou com ele e disse que esse era um dos desenhos favoritos dela e por isso estava com aquela blusa. Depois desse momento, continuamos nossa apresentação junto à turma. Desse momento em diante esta criança fez-me questionar: como os professores da Educação Infantil devem lidar com as questões de gênero tão presentes em nossa sociedade? O que significava esta fala do menino?

Na época desse estudo (2017/2018), esta criança tinha 5 /6 anos. Inicialmente, ela produz estranhamento, desafiando-nos constantemente a entender mais sobre esse tema tão atual e, ao mesmo tempo, polêmico em nossa sociedade que é o gênero. Ao mesmo tempo em que ele é enfático em sua opinião para determinar o que é uma blusa ou personagem de menino e de menina, tem os seus momentos frequentes de querer ser uma princesa, de conhecer melhor os elementos tidos como parte do universo feminino, como batom, bonecas, entre outros, explorando nesses momentos sua feminilidade. O que é ser menino? O que é ser menina? Existem brincadeiras voltadas apenas para um gênero? Essas são algumas questões que nos fazem refletir sobre a importância de falar sobre o assunto e fazer com que deixe de ser um tabu e passe a ser dialogado de forma natural, sem pré-julgamentos, para que possamos preservar os sentimentos dos envolvidos.

Podemos considerar que os estudos sobre educação e gênero na atual conjuntura política de nosso país são um grande desafio. O extremo conservadorismo tem avançado e com o apoio de uma parcela do setor popular da sociedade brasileira, vem apostando em ideias retrógradas nos debates referentes à educação, gênero e até mesmo em relação às práticas docentes. Este estudo, portanto, vem como um ato de resistir aos avanços dessas ideias, com a crença em que devemos apostar em uma educação menos segregadora, que oportuniza as crianças, jovens e adultos, a construção de suas identidades e o autoconhecimento. E a defesa de uma educação que permita que os educandos sejam questionadores, autônomos e desenvolvam um senso crítico.

Nesse caminhar, este estudo qualitativo tem como objetivo procurar compreender como as questões que se referem à construção da identidade de gênero manifestam-se no cotidiano da Educação Infantil. Pretende-se aqui nesse espaço fazer uma breve análise das experiências e observações realizadas durante a inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no que se refere às

observações de um grupo de crianças de 5 anos, em especial o menino que aqui chamaremos Ian.

Assim, no primeiro capítulo faremos uma revisão bibliográfica com o objetivo de compreender as relações de gênero com a educação, além de investigar como a questão do gênero está normatizada nos documentos educacionais da educação básica. No segundo capítulo procuraremos compreender como a instituição enxerga as questões de gênero através do estudo de seu Projeto Político Pedagógico (PPP), e analisar os registros realizados no contexto do PIBID, com a intenção de buscar práticas pedagógicas que possuem um olhar sensível para as questões de gênero no âmbito da Educação Infantil.

CAPÍTULO I

1 – Gênero e Educação

Neste primeiro capítulo, procuramos fazer um estudo teórico sobre as relações de gênero no contexto educacional e também um aprofundamento sobre o que significa o conceito gênero e sua emergência na sociedade e escola. Ao fazermos essa breve análise, buscamos compreender como o gênero aparece nos documentos educacionais que regem a Educação Infantil atual, além de buscar meios para compreender o que significa o conceito de gênero e também a relação das práticas pedagógicas realizadas no contexto da Educação Infantil que possam ou não desconstruir as desigualdades de gênero ainda existentes.

Sabe-se que a escola é um espaço que em diferentes esferas pode se tornar segregador, tornando-se um agente direto da divisão entre pobres e ricos, meninos e meninas, brancos e negros, entre outras formas de hierarquizar e as pessoas que se perpetuam no decorrer da história da escolarização. Louro (1997) ressalta que a instituição escolar cumpre esse papel da divisão dos sujeitos, através de símbolos e entrelinhas mostram os espaços que cada um deve ocupar.

Seguindo essa lógica, tentaremos aqui compreender como a escola se utiliza da sua posição de fomentadora de conhecimentos para manter um padrão normativo existente em nossa sociedade. Buscaremos, ainda, tentar identificar meios para a superação dessas práticas, com a intenção de promover uma educação mais igualitária.

1.1 – Distinguindo gênero de sexualidade

Ancorados em suportes teóricos, afirmamos que a ideia que gênero é uma construção social e que através dessa construção são criadas e mantidas relações de poder. Mas, antes, consideramos importante salientar a diferença entre gênero e sexualidade, que são dois conceitos distintos, porém, é comum vermos ambos sendo utilizados como sinônimos.

Pode-se considerar sexualidade como sinônimo de sexo para fins de prazer ou reprodução, mas a sexualidade vai além, através dela que fazemos descobertas sobre nosso corpo.

Numa rápida incursão nesses conceitos, a definição do sexo biológico é uma tentativa de classificar as genitálias de alguém, dessa forma, ao nascer com uma vagina é considerada mulher, mas se nasce com um pênis é considerado homem. No entanto, esses conceitos já vêm apresentando controvérsias, devido às pessoas que nascem com os dois sexos e nesse sentido, estudos vem possibilitando outras perspectivas. A partir dessas outras perspectivas a sexualidade pode ou não ter a ver com o ato da relação sexual, no caso das crianças em contexto de educação infantil, sexualidade são as descobertas em relação ao seu corpo e ao corpo do outro, suas curiosidades e vontades. (Silva e Buss-Simão, 2018, p. 34).

Nesse sentido, é importante reconhecer que a sexualidade está presente em todas as etapas da vida do ser humano, sendo parte de um processo de autoconhecimento, principalmente quando nos referimos às crianças.

Partindo para a concepção de gênero, é inegável que este é um campo complexo de ser debatido, levando-se em consideração que é um tema com profundas repercussões no campo dos estudos feministas, da psicologia e psicanálise e na história. Scott (1995) faz uma análise do gênero no decorrer da construção da sociedade ocidental. A autora faz-nos refletir sobre os papéis que foram construídos no passar do tempo para os homens e as mulheres. A partir de Engels, Scott afirma que ‘Famílias, lares e sexualidade são, no fim das contas, todos produtos de modos cambiantes de produção.’”(SCOTT, 1989, p. 78) o que nos permite entender que há aspectos do nosso cotidiano que julgamos serem naturais, quando, na verdade, são frutos de uma construção social que está enraizada em nossos costumes.

A partir do final do século XX, começaram a surgir questões sobre o papel da mulher na sociedade através dos movimentos feministas. A partir dessas inquietações, intensificaram-se os estudos sobre o que é ser mulher e a palavra gênero começa a ser considerada como parte dos estudos. Scott (1989) ainda considera que a definição de gênero engloba principalmente dois aspectos que se interligam. O primeiro sentido é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. O segundo sentido diz respeito ao gênero como um modo de significar as relações de poder.

No que diz respeito às relações de poder, o homem é considerado superior à mulher e por esse motivo ocupa posições de prestígio perante a sociedade, enquanto as

mulheres, ainda nos dias atuais, são consideradas aptas para cuidar da casa, dos filhos, e quando estão no mercado de trabalho ocupando o mesmo cargo que um homem, ainda há lugares que pagam um salário inferior, apenas por serem mulheres. Ainda temos como agravante dessa situação que os espaços do mercado de trabalho considerados como ‘femininos’ são o magistério na Educação Infantil, enfermagem, secretariado, entre outras profissões desprestigiadas socialmente. Por que a docência com as crianças pequenas é “coisas de mulher”?

Cerisara (2002) destaca o contexto histórico da identidade profissional das educadoras de crianças pequenas, destacando amostras dos processos de socialização das mulheres. Educar crianças pequenas em espaços institucionais, de início era uma prática com um olhar voltado apenas para o cuidar, fazendo com que as mulheres fossem associadas a esse trabalho que podia ser considerado como feminino e doméstico. Sabemos então, que ainda hoje uma parcela da sociedade acredita que o trabalho em creches e pré-escolas é voltado para o feminino, devido a construção de papéis ainda dicotomizados em nossa sociedade.

Souza (1995) também dá suporte para compreender o que significa gênero para os estudos na área. Ela nos diz que o conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas com o objetivo de se contrapor à ideia de essência, negando qualquer explicação baseada no determinismo biológico que objetivasse explicar as condutas de mulheres e homens, exercendo desse modo, uma visão naturalizada, universal e não passível de mudanças. Sendo esse determinismo muitas vezes utilizado para justificar as desigualdades entre os gêneros. A autora aponta ainda que na perspectiva das relações de gênero, é debater os processos de construção ou formação histórica, social e linguística, instituídas no desenvolvimento de homens e mulheres.

Através da contribuição dessas duas autoras, podemos notar que as marcas do gênero estão implícitas em diversas áreas do nosso contexto social, que podemos percebê-las a partir de um refinamento do nosso olhar para essas marcas sociais. Neste sentido, é importante reconhecer privilégios sociais ainda existentes para uma parcela da nossa sociedade, os homens.

Tendo em vista que somos seres mutáveis e ao longo de nossas vidas, através de nossas experiências, vamos construindo nossas identidades, podemos considerar a seguinte contribuição de Louro (1997)

o que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p. 27)

Os estudos acima apontados levam-nos a compreender que apesar de haver um imaginário popular relacionando o desenvolvimento dos meninos às brincadeiras de carrinhos e futebol, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento das meninas esteja ligado às brincadeiras de boneca e casinha, isso é uma construção social que vem se perpetuando no decorrer do tempo.

Assim, se consideramos a escola como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, um dos espaços onde as crianças se apropriam das diversas linguagens que existem a nossa volta, é preciso compreender que na escola elas experimentam diversos papéis e através dessas experimentações vão construindo suas identidades. Nesse sentido, consideramos que brincar de boneca, casinha, carrinhos e futebol são processos importantes para a construção das identidades infantis, porém dentro do espaço escolar, as crianças podem ter acesso a outras brincadeiras que favoreçam esse processo.

1.2 – O gênero nos documentos educacionais

Com os avanços nas conquistas voltadas a Educação Infantil nos últimos anos, é importante avaliar se as políticas públicas e documentos norteadores voltados para a EI acompanham os avanços das discussões sobre gênero e sexualidade na educação. A primeira grande conquista da Educação Infantil aconteceu através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que estabeleceu como primeira etapa da educação básica brasileira a Educação Infantil.

Levando em consideração um dos princípios da LDB, que tem por finalidade o desenvolvimento do educando em sua plenitude, podemos considerar que ao nos referirmos a Educação Infantil, as crianças têm o direito de se apropriar de diferentes expressões e linguagens a fim de explorar o mundo a sua volta e construir sua identidade de acordo com seus gostos e preferências. Ainda de acordo com a LDB, especificamente, no Art. 3º item IV, o ensino oferecido será pautado no princípio do “respeito à liberdade e apreço à tolerância” (BRASIL, 1996), que nos dá margem para trabalhar com a pauta nas diferenças, levando em consideração que vivemos em uma sociedade plural e diversificada.

Em 1998, o governo federal lança o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, um apanhado de três livros com referências para a estruturação curricular voltada para a 1ª etapa da Educação Básica. Embora hoje seja um documento considerado um tanto quanto ultrapassado, em virtude das DCNEIs/2009, considero válido o debate sobre o RCNEI. No volume 2, intitulado “Formação pessoal e social”, é abordado de modo mais aberto o tema gênero e sexualidade na Educação Infantil, na realidade, o tópico chama-se “Expressão da sexualidade” que traz para o debate questões sobre a importância da sexualidade para o desenvolvimento infantil, e como essa expressão tem um caráter diferenciado da realidade dos adultos. Entretanto, conforme o tópico vai discorrendo sobre a emergência de falar para o/a professor (a) da Educação Infantil sobre o tema, o documento afirma:

Ao se perceber como menino ou como menina, as preocupações das crianças não residem mais unicamente nas diferenças anatômicas, mas nas características associadas ao ser homem ou mulher.

Após uma fase de curiosidade quanto às diferenças entre os sexos, por volta dos cinco e seis anos, a questão do gênero ocupa papel central no processo de construção da identidade. Isso se reflete nas ações e interações entre as crianças, que tendem a *uma separação espontânea entre meninos e meninas*. (RCNEI, 1998) (grifo meu).

Se considerarmos o ano em que o documento foi escrito, podemos considerar por um instante que houve um avanço em relação ao debate sobre gênero na EI, todavia, é imprudente afirmar que a separação dos meninos e meninas ainda no universo infantil acontece de modo espontâneo, sem considerar que há uma construção social envolvida nesse processo de separação, que envolve a relação com o brincar, o comportamento,

principalmente em relação ao comportamento que o adulto espera de uma criança do gênero masculino e de uma criança do gênero feminino.

Ainda falando sobre o RCNEI, mas dessa vez considerando o volume 1, temos a nosso dispor o tópico intitulado “Diversidade e Individualidade” que fala para o/a professor(a) da Educação Infantil que cabe ao docente o papel de planejar e ofertar experiências que responda aos interesses individuais e coletivos das crianças. O Referencial ainda contribui com a seguinte afirmação:

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (BRASIL, 1998, p. 32, 33 referencial curricular nacional para educação infantil, vol. 1).

O trecho acima reforça que as crianças possuem suas individualidades e que as mesmas devem ser valorizadas. Sendo assim, não devemos estranhar ou impedir que um menino brinque de ser princesa ou uma menina jogue futebol; mas, pelo contrário, pois através das interações e brincadeiras que as crianças se desenvolvem, aprendem e produzem cultura.

Ao partirmos para uma análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/2009, documento mais recente orientador do currículo na Educação Infantil, no artigo 6, item I, afirma-se que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Portanto, está assegurado através das DCNEIs que, enquanto professores da Educação Infantil, temos que assegurar o respeito às diferentes identidades e singularidades de cada criança. O trabalho aqui apresentado revela uma experiência pedagógica que buscava assegurar esse respeito às diferenças, respeitando os desejos e a curiosidade das crianças.

Sabe-se que ainda hoje há práticas sexistas dentro de escolas, que separam em filas meninos e meninas, usam as meninas como exemplos de boa educação e meninos como representantes da bagunça dentro do ambiente escolar. Por isso, cabe a nós, procurarmos nos aprofundar sobre essas questões em busca de promover uma educação

mais igualitária, sem reforçar esses papéis já pré-existentes em nossa sociedade com as crianças e dar possibilidades de uma vida escolar não excludente para aqueles alunos que andam à margem do que é considerado dentro de um padrão já estabelecido pela sociedade do que é ‘normal’.

No artigo 6, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/2009, no item V, indica-se que na Educação Infantil deve construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade, com o objetivo de romper com a dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. Neste item das diretrizes, é possível notar que há uma intenção de romper com práticas presentes em nossa sociedade que ferem o princípio de vivermos em harmonia entre os diferentes grupos e camadas sociais. Este é o único artigo que fala diretamente a palavra gênero dentro das DCNEI, ou seja, observa-se que ainda é um assunto abordado de modo superficial, considerando todas as especificidades que este conceito traz.

1.3- Docência, gênero e educação infantil.

O debate sobre docência e gênero na infância deve ir além das questões sobre cores e brincadeiras, que desde cedo já são denominadas como de meninos ou meninas, ressaltando que este também é um debate importante, entretanto, devido ao atual momento histórico que vivemos, devemos nos aprofundar sobre essas questões e evitar que mais crianças sejam silenciadas por expressarem seus modos de agir e ser enquanto sujeitos sociais. Analisar a docência na Educação Infantil tem por objetivo investigar se a partir da prática dos professores e professoras da infância perpetuam-se as desigualdades de gênero no espaço escolar. Finco (2008) nos leva a compreender a necessidade de uma formação docente que problematize a origem das desigualdades de gênero a partir da relação dos estudos sobre gênero e infância.

OLIVEIRA (2017), em seu estudo de doutoramento, apresenta relatos de seus entrevistados que contam como foram suas infâncias enquanto crianças tidas como do gênero masculino e afeminadas. É importante refletir como no espaço escolar que, de acordo com a LDB é o lugar para o desenvolvimento pleno dos educandos, existe relatos nos quais professores estranham o comportamento de uma criança que foge a regra da heteronormatividade, colocando apelidos em quem foge do padrão. A partir

desses relatos, nós, enquanto professores da Educação Infantil, devemos nos questionar se estamos reforçando esses estereótipos de gênero, a fim de evitar causar danos no desenvolvimento das crianças.

Neste sentido, Preciado (2014) indaga:

Quem defende os direitos da criança diferente? Os direitos do garotinho que gosta de usar rosa? Da menina que sonha em se casar com sua melhor amiga? Os direitos da criança a mudar de gênero se ela quiser? Os direitos da criança à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança de crescer em um mundo sem violência, nem sexual nem de gênero? (PRECIADO, 2014, p. 3-4)

São questionamentos que devem estar presentes no cotidiano dos educadores da infância, afinal, essas crianças existem e estão presentes nas escolas e cabe ao corpo escolar fazer com que a escola seja um espaço de socialização, que abrace as diferenças ao invés de excluir o que é considerado fora dos padrões. Finco traduz em suas palavras a importância do papel dos educadores da Educação Infantil para romper com as desigualdades de gênero que ainda presenciamos no contexto escolar, como vemos no trecho a seguir:

É importante que os/as docentes que trabalham na Educação Infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização a meta de igualdade de gênero. (FINCO, 2008, p.1)

Durante o período que fiz parte do PIBID, um dos assuntos mais abordados em nossos estudos e conversas sobre a prática docente na Educação Infantil, era sobre quais papéis os educadores devem exercer nesta etapa da educação básica, como por exemplo, promover espaços de aprendizagem, ter uma escuta sensível e atenta para o que vem das crianças e a partir dessa escuta provocar a construção do conhecimento pela criança (EDWARDS, 2016). Entre tantos outros papéis que cabem ao professor da EI, é fundamental que esse olhar sensível alcance as relações de gênero com o objetivo de enfrentar esse sistema heteronormativo que exclui a criança que não se encaixa nesse

padrão. Afinal, as diretrizes asseguram o respeito às diferentes identidades e singularidades de cada criança.

Nesse sentido, devemos reconhecer a dificuldade de enfrentar barreiras (família, políticos, e às vezes a própria instituição) que complicam a ação do docente frente ao trabalho em relação às questões referentes ao gênero e a sexualidade.

Para educadoras e educadores parece muito complicado assumir que as identidades de gênero e sexuais se “multiplicaram”; que há sujeitos que atravessam as fronteiras desses territórios; sujeitos que inscrevem e misturam em seus corpos, deliberadamente, as marcas da feminilidade e da masculinidade; sujeitos que aspiram a ambiguidade e a ambivalência. O campo da Educação proclama, frequentemente, ideais de integração, inclusão, ajustamento. Mas como costumam ser defendidos estes ideais? E, ainda para complicar um pouco mais: de que valem tais propósitos face àqueles que não estão ansiosos por serem ‘integrados’ e que querem, menos ainda, ser tolerados? O que fazer com quem quer viver como diferente? (LOURO, 2011, p.68).

A autora, que é uma das maiores referências nos estudos sobre gênero e educação aqui no Brasil, afirma que há mudanças no que tange às identidades de gênero e sexuais, e isso se reflete na infância. Uma vez que meninos e meninas rompem essas fronteiras e exercem suas identidades, o problema se dá quando o adulto interfere nesse exercício da criança ser como deseja, afetando suas construções identitárias e sociais. Afinal, existem diversos estudos e pesquisas que comprovam a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento social da criança.

Como bem sabemos, a homofobia circula pelos corredores e salas de aula, se insinua nos livros didáticos e aparece escancarada nos recreios e nos banheiros. Temos de aguçar nosso olhar e tentar ficar atentos para os processos que tecem as subordinações e hierarquias entre sujeitos e práticas sexuais, que admitem e excluem indivíduos e grupos sociais. (LOURO, 2011, p.67).

Sendo assim, cabe aqui ressaltar a importância da comunidade escolar como um todo rever suas práticas e ter um olhar mais sensível para as atitudes normativas e homofóbicas que acontecem no cotidiano escolar. O preconceito pode acontecer de modo explícito, mas muitas vezes pode ocorrer de maneira implícita; nesse caminhar, é preciso reforçar que educadores e gestores possuem meios para mediar essas situações e

evitar assim que atos discriminatórios ainda aconteçam dentro dos espaços educacionais.

CAPÍTULO II

2 - Questões de gênero no cotidiano da Educação Infantil

O desenvolvimento deste estudo qualitativo se baseia no relato e reflexão sobre uma experiência realizada durante a inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no período entre setembro de 2016 a março de 2018.

O objetivo do estudo é a partir das experiências vivenciadas por uma pibidiana dentro do programa pautar como as práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil podem contribuir para a construção das relações de gênero, sobre as famílias e seus embates em relação ao tema e principalmente sobre a relação dos docentes com o tema.

Neste sentido, é importante situar o PIBID e as experiências pedagógicas e observações na escola para o enriquecimento da discussão acerca das questões de gênero no contexto da Educação Infantil.

2.1 O PIBID o que é

O PIBID é um Programa de formação de professores financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com objetivo de proporcionar aos estudantes de licenciatura, na primeira metade da graduação, uma aproximação com o cotidiano das escolas de educação básica do sistema público de ensino. Dessa forma, a Pedagogia-UFRJ ao participar do programa, divide-se em dois grupos, um com ênfase nas séries iniciais do Ensino Fundamental e o segundo grupo com ênfase em Educação Infantil, grupo no qual este estudo se baseia.

O grupo PIBID Pedagogia com ênfase na Educação Infantil, entre o período de 2016 a 2018, tinha como parceria duas escolas de EI federais situadas no Rio de Janeiro, a Escola de Educação Infantil da UFRJ e o Centro de Referência em Educação Infantil Realengo – Colégio Pedro II. O grupo era composto por 13 licenciandas, 3 professoras supervisoras (sendo 2 vinculadas ao CREIR e 1 a EEI) e 1 professora coordenadora, sendo esta professora da Faculdade de Educação da UFRJ.

A dinâmica do grupo consistia na divisão das licenciandas em três subgrupos. Cada professora supervisora recebia um grupo de licenciandas uma vez por semana nas

escolas para vivenciar o cotidiano da Educação Infantil. Também, havia um encontro semanal com todas as integrantes do grupo para debates teóricos, conversas sobre as experiências dentro das escolas, além de pensarmos coletivamente o planejamento de atividades a serem desenvolvidas junto às crianças nas escolas.

A participação no Programa de Iniciação à Docência oportuniza que os licenciandos tenham um contato direto com o ambiente escolar, e a partir deste contato, surgem questionamentos sobre o ser docente, sobre a relação com os alunos, entre tantos outros aspectos que permeiam os espaços escolares.

As inquietações que surgiram na experiência aqui relatada aconteceram a partir de uma criança em especial. Em diferentes momentos, essa criança fazia com que questionássemos os papéis sociais e as questões de gênero que desde cedo fazem parte da construção das identidades infantis, o que se observa a partir de uma brincadeira, de uma fala, de um gesto.

Além da observação desta criança sobre a relação dela consigo mesma em relação ao mundo exterior e o que ela achava que podia ou não se apropriar dos elementos que estavam a sua volta que poderiam ser considerados do universo feminino, iremos aqui debater sobre quais são os papéis da docência na Educação Infantil no que tange as questões referentes ao gênero.

2.2 Um olhar sobre o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) da escola

O Projeto Político Pedagógico constitui a identidade da escola. Por isso, a necessidade de fazer uma breve análise sobre o PPP da instituição em questão, no intuito de observar como a questão do gênero está normatizada.

O Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) do Colégio Pedro II foi elaborado ao longo de três anos, com colaboração de toda a comunidade escolar, sendo essa uma informação contida no documento. Foi finalizado em 2017 e divulgado no site da Instituição em 16 de julho de 2018 e terá vigência até o ano de 2020.

O primeiro item do PPPI da escola a ser analisado é a compreensão do que é currículo. Adota-se a teoria crítica do currículo para a construção de práticas pedagógicas que se aliem com os valores institucionais de comprometimento com a ética, excelência, competência, compromisso social e inovação.

De acordo com Silva (2017), as estudiosas feministas questionavam as perspectivas críticas do currículo exatamente por não levar em consideração as questões de gênero e raça “na produção e reprodução da desigualdade” (SILVA, 2017). Ao analisarmos a construção textual do item sobre a concepção de currículo adotada pela escola, ocorre justamente o que as estudiosas feministas afirmavam em seus questionamentos. Apesar de haver preocupação com as diferenças sociais e seus impactos, não há uma menção clara sobre a importância de uma consideração mais profunda acerca das questões de gênero, como podemos observar no trecho a seguir:

Essa noção de currículo, em particular, orienta a escola a refletir sobre os impactos sociais das proposições curriculares, a questionar as vozes dominantes que privilegiam determinados grupos sociais e culturas em detrimento de outros, a valorizar as diferenças e a multiplicidade de papéis que toda a comunidade escolar pode desempenhar na escrita curricular tornando-a um espaço em que as diversas vozes podem se fazer ouvidas. (CP2, 2018, p.24).

Apesar de não haver uma menção clara aos impactos do gênero como um dos fatores para o encadeamento das desigualdades existentes em nossa sociedade, vale ressaltar a importância de haver um questionamento sobre classes dominantes que possuem privilégios em detrimento de outras culturas e grupos sociais, além da importância da valorização das diferenças, fazendo com que o espaço escolar seja um lugar democrático, tendo em vista que todo e qualquer sujeito pertencente à comunidade seja ouvido.

O segundo item a ser analisado do PPPI da instituição é a “Organização Didático-pedagógica da Educação Básica”, no ponto referente à Educação Infantil, levando em consideração que, para a instituição escolar, as práticas pedagógicas devem de algum modo ser relacionadas às questões de gênero. Afinal, a partir de práticas pedagógicas cotidianas é que haverá uma desconstrução de certos papéis desiguais que estão normatizados em nossa sociedade.

No decorrer do item analisado, é possível perceber que há um compromisso da escola em romper com as amarras étnico-raciais que ainda existem em nossa sociedade, e a partir desse compromisso, existe abertura para trabalhar pedagogicamente as questões de gênero, que a partir de um machismo estrutural também contribuem para uma sociedade desigual.

PPPI da instituição:

Na Educação Infantil, está presente o propósito de se desenvolver um trabalho no qual não se ignore as questões etnicorraciais⁴⁹; para isso serão propiciadas experiências para promover-se a igualdade, nas quais as crianças possam construir a sua própria identidade com valores que respeitem a diversidade e a existência do outro. Nesse movimento, pretende-se construir uma outra história com base em ações e atitudes ressignificadas.(CP2, 2018, p.67).

A partir desse trecho pode-se notar a preocupação da instituição em promover igualdade a partir das práticas pedagógicas, objetivando a construção da sua própria identidade e principalmente, tendo como base o respeito e a valorização do outro em suas diversidades e individualidades. Nesse sentido, vemos que a partir da desconstrução de conceitos já existentes que dão continuidade ao racismo que permeia a nossa sociedade ainda nos dias atuais, há uma possibilidade de trazer para o cotidiano escolar práticas pedagógicas que visam desfazer as amarras sociais que mantem além do racismo, as desigualdades de gênero, uma vez que se a instituição se coloca disposta a valorizar a diversidade e existência do outro, ela não pode fazer uma valorização seletiva dessa diversidade, onde podemos incluir gênero, raça e classes sociais.

2.3 Inserção na escola, a turma e a emergência das questões de gênero

Minha experiência enquanto Pibidiana começou em setembro de 2016. Em um primeiro momento, as idas ao colégio aconteceram em duplas. Dessa forma, minha inserção no espaço escolar aconteceu no mesmo momento com outra pibidiana do meu subgrupo de trabalho. Nosso primeiro dia na escola foi de apresentação à turma. Nós nos apresentamos para as crianças e explicamos o que pretendíamos fazer. Fomos acolhidas pelas crianças, e a partir deste momento de apresentação, as crianças nos tinham como professoras em formação.

Foi um processo intenso de aprendizado, conhecer as especificidades de uma turma de crianças com idade entre três e quatro anos, aprender a reconhecer as individualidades de cada criança e, a partir desse reconhecimento, valorizar e

potencializar o trabalho coletivo e individual. Vivenciar uma experiência acadêmica como essa nos permite aprender a sermos professores reflexivos, que podem olhar para a própria prática e exercer de forma crítica uma avaliação sobre o seu trabalho docente.

2.3.1 - O estudo

Ao começar este estudo, primeiramente, é necessário fazer um panorama da turma. Havia doze crianças, cada uma com suas características e especificidades, uma mistura de personalidades; turma criativa, imaginativa, entre tantas outras qualidades que as crianças trazem para o ambiente escolar. Entre tantas qualidades, a turma ainda apresentava questões que nos faziam refletir, dentre elas, as questões de gênero.

Apesar de ter escolhido um caso específico para a realização deste trabalho monográfico, pude perceber no decorrer do meu período de experiência junto com a turma 201, diversas situações que esbarravam diretamente no tema gênero, como por exemplo, ouvir de crianças que *“dançar não é coisa de homem”* ou que *“homem não pode chorar”* são alguns exemplos que atravessam desde muito cedo a vida das crianças e corroboram para a manutenção do machismo estrutural que vivemos. As crianças estão expostas a discursos como esses e acabam reproduzindo, inclusive carregando essas percepções como se fossem verdades. Nesse caminhar, a partir dos registros realizados no decorrer das experiências vivenciadas na inserção no Pibid, este estudo tem como objetivo debater a construção do gênero na Educação Infantil.

No decorrer deste estudo, faremos uso dos registros realizados durante a minha experiência enquanto pibidiana. Com o objetivo de complementar e enriquecer este trabalho, iremos recorrer também aos registros e observações feitas pela professora supervisora do PIBID e docente da turma 201.

Estudar sobre gênero e Educação Infantil a partir das experiências vivenciadas no Pibid tem como propósito desconstruir o senso comum que nos indica cotidianamente que cores, brinquedos e brincadeiras, roupas e fantasias relacionam-se com um gênero específico. Nesse sentido, pretende-se propor um espaço de reflexão acerca das práticas pedagógicas realizadas no contexto da Educação Infantil, a fim de mostrar que a escola está ativamente ligada à sociedade que a cerca, e nós, enquanto professores, podemos ou não reproduzir alguns estigmas tão presentes no nosso dia a dia, afetando diretamente a relação das crianças com o mundo entorno.

Para que comecemos as discussões referentes ao cotidiano da EI e suas relações com as questões de gênero, com a intenção de enriquecer este debate, iremos recorrer inicialmente aos registros da professora da turma. São registros cotidianos, observações feitas sobre a sua prática docente, precursores das inquietações que surgiram sobre este tema.

Ao desenvolvermos este estudo, optamos por alterar o nome da criança na qual as observações se baseiam, com o objetivo de manter uma postura ética em relação às suas experiências. Então, a partir deste parágrafo assumiremos que o nome da criança será Ian, alteraremos também o nome das outras crianças e o número da turma.

Estar imerso no cotidiano da Educação Infantil nos faz compreender que os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças estão diretamente ligados as suas interações com os seus amigos, com os professores e também com o ambiente. Nesse sentido, as relações constituídas dentro dos espaços escolares, nos fazem compreender como as crianças se percebem em relação ao seu eu no contexto social em que estão inseridas.

Começaremos com um relato que descreve o incômodo de Ian ao ser chamado pelo termo ‘‘menino’’. Sabe-se que na educação de crianças pequenas é fundamental o trabalho docente ser baseado na escuta e em um olhar atento às questões que aparecem no dia a dia dentro das escolas. Nesse sentido, podemos observar uma postura cuidadosa da professora ao indagar Ian sobre o que motivou a sua atitude ao invés de repreendê-lo por ter agido de modo agressivo com sua amiga.

Maria Eduarda, amiga do Ian, sentou-se com ele para desenhar, a nosso pedido, um menino ou menina para colocarmos nos potes que separamos para organizar e discutir sobre os brinquedos. Maria Clara quis nos contar sobre seu desenho: eu fiz um menino! E Ian olhou para ela. E ela continuou: é você Ian! Ele bateu a mão na folha e gritou com ela: eu não gosto disso que você falou. Perguntamos o que? Ele disse: ‘‘isso que sou menino’’. (Registro da professora).

Ao nos basearmos em pesquisas sobre Educação Infantil e Gênero (VIANA; FINCO 2009; SALGADO; MARTINS-GARCIA, 2018; SILVA; BUSS-SIMÃO, 2018), podemos perceber uma tendência das professoras da EI em estranhar situações em que as crianças rompem as barreiras impositivas que existem em relação à construção do gênero para nossa sociedade.

Salgado e Martins-Garcia (2018) discorrem em seu artigo sobre uma professora, da escola na qual estavam realizando a pesquisa, ao se deparar com dois irmãos gêmeos

do gênero masculino trocando abraços e beijos. As autoras então nos mostram a dificuldade dessa professora em lidar com a situação.

A professora demonstrou preocupação não apenas com as crianças, mas também em tratar do fato. No dia em que relatou o acontecido, ela se mostrou muito desconfortável em fazê-lo, além de ter demonstrado certa apreensão algumas semanas depois, retomando o assunto ao dizer que, por dias, refletiu se deveria ou não ter feito esse comentário. Esclareceu, ainda, que para ela tal situação fugia completamente do que concebia como “normal”, de modo que se caracterizava como algo que precisava ser combatido. Em nenhum momento, houve qualquer tipo de conversa com as crianças a respeito do acontecido. A prática corrente, tanto da professora quanto das auxiliares, tem sido a separação dos dois meninos das demais crianças e de si próprios. Toda e qualquer aproximação entre os meninos é bruscamente impedida por elas. (SALGADO; MARTINS-GARCIA, 2018, p. 117).

Relacionando o registro da professora com o relato das autoras, podemos refletir: enquanto uma se dispõe a questionar e ouvir a criança para entender o que a angustia, a professora citada no trecho acima não dialoga e se assusta, revelando que não considera normal a cena que presenciou entre as crianças.

Seguindo com os registros feitos pela professora da turma 11, podemos observar uma tendência de Ian a querer se fantasiar com elementos considerados do universo feminino e a explorar distintos papéis dentro das diferentes formas de exercer a feminilidade, como podemos observar na observação abaixo:

Fantasia do Homem de Ferro: mais uma vez Ian estava se queixando da fantasia. Brinquei e disse que nunca vi um homem de ferro tão lindo. Nada adiantou. Ele quis tirar. Perguntei o por quê já que ele tinha escolhido a fantasia, “não fui eu que escolhi não, foi a minha mãe.” Ele me disse. Então, perguntei o que ele gostaria de vestir. Pode ser do Batman disse. Fomos pegar emprestado. Depois de brincar um pouco, ele acrescentou acessórios a sua fantasia: uma coroa e disse que era a batgirl. Frequentemente ele se apresenta com personagens que recria trazendo para o que chamamos de feminino, Batgirl, WhodBug (Whod com Lady Bug). Ou mesmo se apresenta como uma “gatinha”. (Registro da professora)

É possível notar que inicialmente há uma tentativa em valorizar a fantasia que Ian estava usando naquele momento, e quando a criança de fato decreta que não quer mais se fantasiar de homem de ferro a professora acolhe e escuta. Aqui, pode-se

perceber a importância da escuta e do acolhimento, abrindo caminhos para que Ian pudesse experimentar e criar novos personagens, sendo eles femininos ou não.

Levando em consideração o tempo histórico, as recentes conquistas referentes à infância e a Educação Infantil, hoje temos as crianças como sujeitos de direitos. Possuem a liberdade de ser, criar e imaginar diferentes papéis, que normalmente estão relacionados a elementos das histórias e da vida cotidiana. Assim, podemos considerar os espaços de Educação Infantil como um dos lugares onde as crianças possam exercer essa liberdade de fazer experimentações, formando assim a sua identidade.

Dando continuidade às análises dos registros realizados pela professora, podemos notar que o interesse de Ian pelos elementos considerados femininos não se limita ao mundo das fantasias. Por exemplo, o interesse por maquiagens. No relato a seguir, podemos observar esse interesse:

Fiz uma roda para mostrar ao grupo um conjunto de cortadores de massinha que estavam embrulhados como presente em uma caixa. Na roda, brincamos de adivinhar o que tinha na caixa. Cada criança que segura, sacode e faz sua aposta. Ian quando a segurou, deu um grande sorriso e disse: é um conjunto de maquiagem e pincéis de maquiagem. (Registo da professora).

A partir desse trecho, conseguimos observar que mesmo em momentos de imaginação, a criança expressa interesse em se apropriar dos elementos que são considerados como femininos. Hoje, ainda vivemos em uma sociedade que nos diz que os interesses dos meninos e meninas são pré-determinados de acordo com o gênero masculino ou feminino. Nessa perspectiva, é necessário sabermos quais os papéis dos educadores da Educação Infantil. Para fazermos uma melhor relação sobre esses papéis e as questões de gênero dentro do contexto da EI, fazemos uso das contribuições de Daniela Finco (2008):

É importante que os/as docentes que trabalham na Educação Infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização a meta de igualdade de gênero. (FINCO, 2008, p.1).

A autora traça um debate sobre a importância dos debates sobre as questões de gênero na Educação Infantil e como a percepção dos docentes referente à relevância desta temática, pode contribuir para a construção de uma educação menos sexista, mais igualitária. Uma educação que forneça meios para que as crianças construam as suas identidades a partir de seus interesses, sem que esses sejam julgados a partir de suas escolhas e interesses.

Outro aspecto que emerge ao analisarmos os registros é a contribuição das famílias para a manutenção de práticas que impõe as crianças a uma conduta que se adeque as normatizações do gênero. Essa percepção sobre a influência que as famílias possuem sobre as crianças, pode ser percebida no trecho abaixo:

Muitas vezes ele fugiu para ficar só na sala; em algumas o encontrei brincando de boneca. De início, ele as escondia quando sabia que o pai ia chegar. Teve um momento que ele passou a vestir a fantasia de Batman quase na hora da chegada dos pais e passou a ir para a porta para ser visto por eles. (Registro da professora).

Notar que uma criança foge do grupo para brincar de boneca e que essa criança esconde o ato de brincar de boneca na hora da chegada de seus pais, nos faz perceber a manutenção das relações de poder existentes nas estruturas familiares. Essas relações de poder mantem uma estrutura hierárquica na qual os responsáveis acreditam que podem escolher a fantasia das crianças, ou sobre quais brinquedos elas podem usar. Vianna e Finco (2009) nos falam sobre os comportamentos que as crianças desenvolvem com a finalidade de condizer com as expectativas colocadas sob elas de atingir as características femininas e masculinas pré-estabelecidas pela nossa sociedade.

A partir dessas percepções, podemos refletir sobre quais os papéis que os docentes da Educação Infantil podem ter, ao se depararem com situações como essa. Sabemos que as crianças são sujeitos de direitos, inclusive, possuem o direito de experimentar, fantasiar, aprender e essas ações fazem parte do processo da construção de suas identidades. Então fazemos o seguinte questionamento: como ser docente-mediador dos direitos das crianças, frente às objeções de suas famílias, no que diz respeito às relações de gênero?

Dentro das possibilidades do fazer docente e considerando um dos eixos norteadores estabelecido pelas DCNEIs, as interações, há a importância de valorizar e incentivar a troca entre os adultos e crianças e principalmente entre crianças e crianças. Favorecer o diálogo entre as crianças, nos dá a possibilidade de observar e entender as

demandas individuais e coletivas e assim, tentar alcançar meios de propor uma educação voltada para a superação das desigualdades, dentre elas, a de gênero.

Complementando esse debate, deixaremos em evidência o último trecho selecionado dos registros da professora da turma 201. Trazemos esse trecho como exemplo da importância das interações para o desenvolvimento das crianças, e principalmente no que diz respeito ao acolhimento das crianças umas com as outras:

Em outra situação, Ian pegou uma caneta pilot e coloriu as unhas. Quando olhei, ele jogou a caneta longe e disse não pode, não pode. Disse a ele que eu não reclamei e que apenas cuidasse para que não manchasse a blusa e que talvez demorasse um pouco para sair a tinta quando ele mudasse de ideia. É que não posso pintar a unha em casa, replicou. Depois conversamos mais pouco e Marcela contou que o avô faz a unha também. Conversamos sobre algumas possibilidades de pintar a unha com esmalte mesmo se ele quiser ser menino. (Registro da professora).

O medo de ser repreendido por estar fazendo uso de canetas como se fossem esmaltes, abriu margem para diferentes aspectos a serem debatidos. O primeiro é o medo de Ian de ser repreendido por estar brincando de pintar suas unhas. O segundo aspecto passível de debate é a sensibilidade da docente em dizer que não estava reclamando de sua brincadeira, descobrindo assim que a apreensão de Ian ao ser visto durante o seu brincar se relaciona com o não poder fazer o mesmo em casa. O terceiro e último ponto que pode ser extraído e analisado deste registro, direciona-se à importância das interações entre as crianças. Podemos perceber o acolhimento de Marcela em relação a Ian, ao dizer que seu avô também pintava as unhas.

Ao analisarmos os registros da professora e com base nas reflexões teóricas aqui utilizadas, é possível notar os diferentes papéis que os docentes da Educação Infantil devem assumir para lidar com questões que envolvem o conceito gênero. É imprescindível um olhar sensível para pensar em práticas pedagógicas que acolham essas crianças e possibilite oportunidades para que elas consigam através de experimentações, descobrirem o que gostam de narrar, brincar, fantasiar, entre outras atividades do universo infantil, sem que sejam pré-julgadas pelos seus gostos e por suas identidades.

Partindo para outro campo de análise, iremos expor e analisar os meus registros enquanto pibidiana imersa naquele espaço escolar. A intenção é de aqui apresentar o

olhar e as inquietações de uma licencianda em sua formação para a docência na Educação Infantil.

Para que possamos tecer comentários e análises acerca destes registros, colocamos em evidência a seguinte contribuição de Daniela Finco.

A discussão das questões de gênero na infância traz elementos para subsidiar cursos de formação de professores/as da Educação Infantil, para iniciar um processo de sensibilização para as questões de gênero na infância e para iniciar uma intencionalidade pedagógica relativa a diversidade cultural, entre elas a de gênero, nas práticas educativas da Educação Infantil. (FINCO, 2008, p.1).

A autora evidencia a importância das questões relacionadas a gênero na infância apareça nos cursos de formação de professores do primeiro segmento da educação básica brasileira. É necessário falar mais sobre essas questões que cotidianamente aparece dentro do contexto da Educação Infantil, seja através de um menino que queira brincar de boneca ou de falas como “menino não pode chorar”, são exemplos que podem ser facilmente encontrados dentro das instituições de Educação Infantil e que ajudam a manter essa estrutura sexista existente em nossa sociedade. Desse modo, é inegável a importância de programas como o Pibid, que através das experiências vivenciadas nas escolas, nos oportuniza o debate sobre temas que às vezes ficam de fora do currículo dos cursos de formação de professores.

Expor o olhar de uma experiência vivida pela participação no Pibid se diferencia de pesquisas no campo da educação, pois a escola se torna nosso campo de formação e através do tempo ali permanecido, pudemos estabelecer relações, pensar planejamentos e conversar abertamente sobre as situações que ali ocorriam. Diferente do que acontece quando um pesquisador entra em campo, observa e a partir dessas observações elabora o desenvolvimento de seu trabalho.

Pensando novamente sobre os papéis que os docentes da Educação Infantil devem desempenhar no seu cotidiano junto com as crianças, iremos trazer para o campo de análise o seguinte trecho do meu caderno de campo:

Um dia, a professora de educação física foi para a sala de aula e observou que o aluno estava fantasiado de Elsa, uma princesa da Disney. Ao perceber que ele estava estonteando felicidade, a professora disse a ele que a princesa tinha cabelo comprido. Então, ela

amarrou uma camiseta branca na cabeça da criança e lhe disse que agora sim ele estava “a verdadeira Elsa”. Logo que a criança percebeu que estava com o traje completo da princesa, saiu rodopiando pela sala dizendo que era a Elsa. (Anotação do diário de campo)

Nesse trecho podemos perceber um movimento de escuta e acolhimento da professora de Educação Física. Ao perceber o interesse de Ian pela princesa e em se fantasiar dela, a professora proporcionou meios para que a criança tivesse uma experiência mais intensa do que é ser princesa. Desempenhou um dos importantes papéis dos educadores da infância; a saber, perceber o interesse das crianças e a partir desse interesse propor experiências que de algum modo sejam significativas para elas.

O papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que as crianças usam em uma situação de aprendizagem, Tem, para nós, o papel de “distribuidor” de oportunidades; e é muito importante que a criança sinta que ele não é um juiz, mas um recurso ao qual pode recorrer quando precisa tomar emprestado um gesto, uma palavra. (EDWARDS, 2016, p.152)

A fala acima nos remete justamente a essa discussão sobre os papéis dos educadores da infância, principalmente quando nos indica a importância das crianças não nos terem como juízes, permitindo assim a construção de uma relação de confiança entre adultos e crianças. Ao relacionar este trecho à observação retirada do diário de campo, é possível notar que a docente assume essa postura de “distribuidora” de oportunidades, dando condições para que Ian se perceba como princesa naquele momento.

Partiremos para outro campo de debate que surgiu durante o processo de análise das observações retiradas do diário de campo, sendo este a construção social do gênero. Participar de modo ativo dentro do contexto da EI nos oportunizou entrar em contato com diferentes assuntos, no caso, deste estudo, o debate sobre gênero gerou inquietações e motivação para um intenso trabalho de estudos e análises sobre o tema proposto. Falar sobre gênero e infância atualmente é desafiador, apesar de há décadas diferentes pesquisadores e estudiosos da área chegarem à conclusão sobre o gênero ser uma construção social, muitos acreditam ainda que não exista um processo social nesse campo e sim natural.

Desde pequenos meninas e meninos estão expostos a universos pré-determinados pelos grupos sociais que estão a sua volta. Meninos vestem roupas azuis, ganham de presente carrinhos e bolas de futebol, enquanto as meninas desde cedo vestem rosa, ganham bonecas e panelinhas para brincar. A intenção deste estudo é problematizar essas ações que fomentam a construção social dos gêneros desde o momento do nascimento.

A seguir, um pequeno excerto retirado do diário de campo:

No dia 06/12/2017 presenciei um conflito entre o aluno e uma aluna da mesma turma. Antes de começarmos a roda para combinarmos o que iríamos fazer nosso dia, eles estavam discutindo, eu chamei sua amiga para conversar e perguntei o porquê deles estarem brigando, afinal, eles eram muito próximos. Ela me respondeu que ele era muito chato, eu tentei explicar que não era legal falar assim das pessoas. Ela, então, muito brava, me respondeu que ele era chato demais, sim, porque queria ser menina e isso é errado. Admito que fiquei sem reação com essa fala e disse a ela que as pessoas podem ser o que elas quiserem, a aluna revirou os olhos e foi sentar na roda. (diário de campo).

A partir deste relato, é possível notar que desde cedo somos colocados dentro de padrões sociais, sem aparente direito de escolha. Participar do Pibid enquanto docente em formação nos coloca em situações de grandes aprendizagens enquanto ainda estamos trilhando nosso caminho em direção às escolas. Presenciar essa cena, com palavras cheias de força vindas de uma criança, nos faz questionar sobre a infância, sobre o olhar e percepção de mundo que as crianças possuem.

Uma criança pequena concebe o que é ser menino ou menina a partir desses estereótipos de gênero que como dito anteriormente, são expostas desde o seu nascimento, então a partir do momento que um menino queira brincar de bonecas ou se fantasiar de princesa, foge do que é esperado dele pela sociedade que está ao seu redor.

Ao considerar as duas fontes de registros aqui utilizadas, pode-se notar que para Ian, o universo feminino vai além do brincar, ele se reconhece e se constitui nesse papel, mas ao mesmo tempo se vê diante do receio de se apropriar da sua feminilidade, aparentando um temor de possíveis julgamentos.

É possível perceber através de pesquisas sobre gênero e Educação Infantil que alguns profissionais da EI ainda possuem uma concepção sobre a separação binária das crianças, como se fosse um fato natural e não uma imposição, mesmo que não percebida pelos docentes. Como podemos observar a seguir:

A distinção binária de gênero assume caráter compulsório no discurso da professora, como se fosse uma tarefa inevitável na educação das crianças. Ainda que o contato e a convivência dos corpos sejam tolerados entre os bebês, na medida em que estes se desenvolvem e passam a integrar a categoria de “crianças”, a mistura precisa ser vetada e, se esta persiste, vem a cobrança, que certamente não se restringe à instituição ou à rede de ensino, mas circula e penetra em todas as esferas da vida social e subjetiva. (SALGADO; MARTINS-GARCIA, 2018, p. 119).

Não há como afirmar que o processo de construção de identidade de gênero ocorre de modo natural quando nitidamente há uma imposição nas distinções de gênero, causando uma separação desde cedo e vem persistindo no decorrer do tempo. Os processos de normatização dos gêneros podem ser observados tanto no contexto familiar como também dentro das escolas, como se pode perceber no trecho acima.

Dentro deste debate sobre a participação da escola na normatização do binarismo dos gêneros, é importante trazer em pauta a participação da família na manutenção desta normatização. O grupo social familiar é importante para o desenvolvimento de uma criança, somos seres sociais e aprendemos e nos desenvolvemos a partir das interações e do convívio social. Entretanto, a família está envolvida nesta construção social complexa e de tendência binária. Tanto com as crianças como com a família, é importante que a escola e o professor estranhem; estranhar as imposições, os estereótipos, apontando os sentidos da experimentação das crianças, o direito delas às escolhas e à construção da própria identidade.

Para ilustrar a relação de Ian com sua família, utilizaremos o seguinte trecho do caderno de campo:

Nós, enquanto pibidianas, tínhamos que elaborar atividades para realizar junto às crianças, e devido a algumas questões que presenciamos entre os alunos da escola, nós decidimos fazer uma oficina de bonecas Abayomis, com o objetivo de falar com as crianças sobre a importância dos povos africanos para a construção da nossa cultura. Após contarmos a história, nós chamamos as crianças em grupos pequenos para fazerem as bonecas. A todo instante Ian se negava a participar da atividade. A professora da turma, ao observar essa rejeição, começou a conversar com o objetivo de descobrir o motivo da recusa; ele então explicou que não pode brincar com bonecas; ouvindo isso, ela explicou que as bonecas abayomis não são quaisquer bonecas e que elas tinham uma história; nesse momento ele aceitou a fazer a boneca comigo e com a outra pibidiana, frisando que a boneca dele na verdade seria um boneco. Quando descobriu que era pra levar pra casa, a criança ficou novamente preocupada, disse que não podia levar boneca pra casa e queria deixar a dele na escola. Nesse momento eu conversei com ele, e expliquei que todas as

crianças da turma iriam levar suas bonecas para casa e que se ele quisesse, nós poderíamos conversar com o responsável dele na saída para contar a história da boneca. Nesse momento ele ficou mais tranquilo e escolheu um tecido com brilho para ser a roupa da boneca. (04/10/2017)

Pensar as práticas pedagógicas na Educação Infantil vai além de pensar e planejar atividades para as crianças. No trecho acima, é possível ver a importância da relação dos professores com a família, podemos observar que a docente se coloca como mediadora da situação, se colocando como uma ponte entre a família e a criança, para que no final Ian pudesse participar da atividade que foi planejada para a turma.

Pode-se notar também uma apropriação do discurso dos adultos pela criança, ao ouvir que não pode brincar com bonecas, Ian passa a acreditar que ele realmente não possa fazer uso desses brinquedos. Observa-se então que ele passa a negar seus gostos e preferências devido às repressões que sofre, ao desviar do caminho que consideram normal para meninos e meninas.

Perceber o papel do docente nesses espaços de mediação entre família e criança no que diz respeito às questões de gênero, nos faz notar a importância de incluir nos espaços de formação de professores discussões e estudos sobre gênero e a dimensão social que estas questões alcançam. Portanto, é necessário que os professores da Educação Infantil consigam exercer a sensibilidade e a escuta, principalmente em relação às crianças, objetivando a promoção de espaços que valorizem o desenvolvimento sem reforçar os estereótipos de gênero ainda tão presentes na EI.

Seguiremos nesse debate sobre família, professores e crianças. Para isso, recorreremos a mais um extrato do diário de campo a seguir:

Durante a comemoração do dia das crianças, a escola inteira estava em festa, tinha pula-pula, brincadeiras livres e também pensadas pelos professores; sendo assim, cada sala tinha uma proposta para a diversão das crianças. Em uma dessas salas, a proposta era colorir os cabelos das crianças com tinta spray, entretanto, só tinha duas cores disponíveis: rosa e roxo. Ao ver a atividade, Ian ficou muito empolgado e ansioso para pintar os seus cabelos, como todas as crianças que estavam ali presentes. Mas, em um segundo momento, demonstrou preocupação e se dirigiu à professora da turma, pois as duas cores disponíveis eram “cores de menina”. A professora então conversou com ele, disse que não existia cores de meninas e meninos, e sim que existiam cores. Em mais de um momento, a criança demonstrou preocupação em relação aos seus responsáveis e para contornar a situação, a docente da turma se comprometeu a explicar a situação para os responsáveis quando eles fossem buscá-lo no final do dia. Após essa conversa, a criança foi pintar seus cabelos, e como

prometido, a professora conversou com o pai da criança na hora da saída e explicou o motivo das cores escolhidas. (18/10/2017)

Neste relato podemos observar que em outro momento, Ian apresenta uma grande preocupação em relação ao que os pais irão achar ao vê-lo interagindo com a tinta para cabelo das cores que através do senso comum são consideradas de menina.

Ter a oportunidade de permanecer na mesma turma durante um ano e meio, proporcionou a possibilidade de analisarmos registros e relatos que nos mostram uma linearidade na construção do eu de Ian. Podemos perceber que nos primeiros registros ele se dispõe mais a experimentar a sua feminilidade, mas com o passar do tempo, passa a se reprimir e ter medo de se fantasiar, brincar, imaginar com os elementos que de fato são de seu interesse.

Essa situação leva-nos a questionar sobre os enfrentamentos que desde cedo as crianças que fogem do padrão da normatividade precisam enfrentar, mesmo numa instituição pautada na escuta e no acolhimento. Deixar de lado as suas preferências, ficar apreensivo ao ter que levar uma boneca para casa, são exemplos retirados dos registros e observações que sustentam a dificuldade de uma criança exercer de modo seguro e sem julgamentos os seus modos de ser e agir, sem se importarem com as normas padrão que ainda fazem parte da nossa sociedade.

Considerações Finais

O título deste estudo monográfico sugere uma pergunta: como lidar com questões de gênero na infância? E através de um denso período de pesquisas e estudos sobre gênero, docência e infância, percebe-se que não há uma fórmula pronta para os professores de Educação Infantil. Entretanto, é imprescindível ter um olhar atento e sensível para que as crianças não sejam silenciadas ao expressarem os seus modos de ser.

Atualmente vivemos na era das notícias falsas, que disseminam mensagens de ódio e desinformação; uma das áreas mais afetadas é o setor educacional. Há quem espalhe notícias em que diz que o MEC irá distribuir “kit gay” nas escolas, a forte defesa da teoria em que afirma a existência de uma “ideologia de gênero” e afirmações da atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que diz que meninos vestem azul e meninas vestem rosa. São movimentos preocupantes que ajudam a manter a promoção das desigualdades de gênero e a homofobia.

Sabemos que a sociedade brasileira ainda é formada com base no machismo estrutural afetando a formação identitárias de várias meninas e meninos, que os impedem de chorar porque demonstrar sentimento não é coisa para homens, ou que o comportamento deve ser sempre agradável, afinal, meninas não podem ser bagunceiras. Então, através de práticas cotidianas é que começaremos a romper com esse machismo e patriarcado que forma nossa sociedade atual.

Desconstruir as desigualdades de gênero não é uma tarefa fácil, ainda mais quando nos referimos à Educação Infantil; mas a escola é um lugar poderoso, onde nós, professores, temos o contato direto com crianças e famílias, então, não devemos nos omitir diante de situações em que consideramos que há pelo menos uma mínima possibilidade de mudança, para ajudar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No decorrer deste estudo reconhece-se a importância de uma formação de professores que em seus cursos e graduações tragam à tona o debate sobre gênero, que alcança diferentes esferas sociais. Pois se relacionam a desigualdade de gênero, a construção e reconhecimento de identidades pessoais, o machismo estrutural entre outros debates que andam lado a lado ao conceito de gênero.

Percebemos que no contexto da Educação Infantil é essencial que o docente assuma uma postura sensível para que não reforce esses estereótipos de gênero ainda tão presentes no contexto da educação das crianças. Reconhecemos ainda o papel da Educação Infantil no processo de socialização das crianças e a partir desse processo, desde cedo começam a aprender as diferenciações impostas sobre gênero.

Finco (2010) nos fala:

As experiências de gênero são vivenciadas desde as idades mais precoces, quando as crianças aprendem, desde bem pequenas, a diferenciar os atributos ditos como femininos e masculinos. Portanto, é necessário analisar o papel da educação na socialização de meninas e meninos, realizada pela instituição de Educação Infantil e questionar os processos da construção desta diferenciação. É preciso que estejamos atentos em promover uma prática educativa não discriminatória desde a primeira infância. (FINCO, 2010, p. 52).

Dessa maneira, pautamos em nosso estudo a reflexão sobre quais os papéis da escola e dos docentes da Educação Infantil nesse processo de socialização das crianças. Pensar sobre gênero, é pensar que todas as nossas relações são pautadas a partir desta diferença, afinal, é nítido que os processos educativos se dão de modo diferentes para meninos e meninas. A partir desta constatação, devemos pensar práticas pedagógicas que favoreçam uma educação igualitária, que não favoreça a manutenção de uma sociedade dicotômica em relação ao gênero.

Portanto, esta monografia se coloca em posição de resistência em relação aos avanços de um conservadorismo que vem avançando na sociedade brasileira nos últimos tempos. Objetivamos traçar, a partir das experiências do PIBID, a importância dos docentes da Educação Infantil aguçarem o olhar para as questões de gênero e infância, deixando claro que as crianças desde cedo estão inseridas nesse processo de normatização dos gêneros.

Sendo assim, consideramos que há necessidade de reconhecermos que as crianças são sujeitos ativos e passam por um intenso processo de construção das suas identidades no decorrer de sua infância. Então, a escola pode promover espaços de interações e aprendizagens para que as crianças possam experimentar, criar, imaginar, constituindo assim o seu eu, sem julgamentos ou sem imposições de uma sociedade que ainda mantém uma estrutura pautada nas desigualdades de gênero.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.9.394/1996
_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. I,II,III, 1998.

_____. MEC. Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CEB, 2009.

CERISARA, A.B. Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002. Apud in: GUIMARÃES, D. Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

COLÉGIO PEDRO II. Projeto Político Pedagógico Institucional. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <
<http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2018/JUL/PPPI%20NOVO.pdf>> Acesso: 8 jan. 2019

EDWARDS, C. Parceiro, promotor do crescimento e guia – os papéis dos professores de Reggio em ação. In: As cem linguagens da criança. A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016, [p.151-166].

FINCO, D. Socialização de Gênero na Educação Infantil . Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, ago. 2008. Disponível em: <
http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf> . Acesso em: 15 mar. 2019.

_____. Escolarização de meninas e meninos brasileiros: o desafio da co-educação. Pro-Posições, v. 19, n. 1 (55) - jan./abr. 2008, p. 211-215

_____. Educação Infantil, espaço de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GUIRALDELLI, R. Presença feminina no mundo do trabalho: Histórias e atualidade. Estudos do Trabalho, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007.

LOURO, G.L. Currículo, Gênero e Sexualidade. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ, 2003. 6ªed

_____. 2007. “Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas”. *Educação em Revista*. Dezembro 2007. Nº. 46, p. 201-218.

_____. *Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade*. Ver. Form. Doc. Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011

OLIVEIRA, M. R. G. As interseccionalidades. In: o diabo em forma de gente: (r) existências de gays, afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese de doutorado. Curitiba, UFPR, 2017, p. 107-167

PRECIADO, B. Quem defende a criança queer? Disponível em: <<http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>>

SALGADO, Raquel Gonçalves; MARTINS-GARCIA, Paula Fernanda. Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da educação infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 112-124, maio 2018. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2018v20n37p112>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SILVA, Karine Zimmer da; BUSS-SIMÃO, Márcia. Gênero, sexo e sexualidade na educação infantil: o que dizem os documentos da rede municipal de ensino de Florianópolis. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 27-41, maio 2018. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2018v20n37p27>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SOUZA, Jane F., (1999). Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, MG

Vianna, Claudia P. & Unbehaum, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. *Cadernos de Pesquisa*, 34(121), jan/abr 2004, p. 77-104.

VIANNA, C. FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu* (33), jul/dez 2009, p.265-283

SCOTT, J. W. 1995. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Dezembro 1995. Vol. 20, n. 2, p. 71-99